

## Por trás do riso da morte: análise sobre as manifestações satíricas em *As intermitências da morte* de José Saramago

Natália Kanashiro de Medeiros<sup>1</sup>

Sandra Aparecida Ferreira<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho realiza uma análise das manifestações satíricas no romance *As intermitências da morte* (2005), de José Saramago. O romance investigado aborda a problemática da repulsa do homem diante da morte, de maneira que o escritor português, José Saramago, origina um mundo às avessas para desenvolver questionamentos a respeito da figura da morte. Dessa forma, a discussão central da narrativa é estabelecida no momento em que a morte desaparece e os indivíduos começam a experimentar a eternidade. A investigação apoia-se na metodologia de análise composta pela seguinte bibliografia: Hodgart (1969), Gerth (1977), Soethe (1988), Berrini (1998), Calbucci (1999), Ariès (2012) e Huizinga (2015) cujas concepções ampararam o processo de investigação. O resultado das discussões apresenta como hipótese o papel que a sátira desempenha como dispositivo para as reflexões dos leitores sobre a finitude ao se depararem com o absurdo da narrativa.

**Palavras-chaves:** Sátira; Morte; José Saramago; Narrativa Portuguesa.

---

<sup>1</sup> Mestranda no programa de Pós-Graduação "Literatura e Vida Social" na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Faculdade de Ciências e Letras de Assis e graduada em Letras com habilitação em francês pela Universidade Paulista Júlio de Mesquita – Faculdade de Ciências e Letras de Assis. E-mail: [naakanashiro@gmail.com](mailto:naakanashiro@gmail.com). ORCID: [0000-0002-8660-5427](https://orcid.org/0000-0002-8660-5427)

<sup>2</sup> Atualmente atua como professora assistente de Literatura Portuguesa na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; Possui pós-doutorado em Letras (Teoria Literária) pela Universidade de Coimbra; Mestre e Doutora em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo; Graduada em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. E-mail: [sandra.ferreira@unesp.br](mailto:sandra.ferreira@unesp.br). ORCID: [0000-0001-9833-4620](https://orcid.org/0000-0001-9833-4620)



## Behind the laughter of death: an analysis of the satirical manifestations in *As intermitências da morte* by José Saramago

### ABSTRACT

This work carries out an analysis of the satirical manifestations in the novel *Death with interruptions* by José Saramago. The investigated novel addresses the issue of man's repulsion towards death, so that the portuguese writer, José Saramago, originates a world upside down to develop questions about the figure of death. In this way, the central discussion of the narrative is established at the moment when death disappears and the individuals begin to experience eternity. The investigation is based on the analysis methodology composed by a reference list: Hodgart (1969), Gerth (1977), Soethe (1988), Berrini (1998), Calbucci (1999) Ariès (2012), Huizinga (2015) and whose understandings helped the investigation process. The result of the discussions presents the hypothesis that satire acts as a device for readers' reflections on finity when faced with the absurd of the narrative.

**Key-words:** Satire; Death; José Saramago; Portuguese Narrative.

### 1. Introdução

O romance *As intermitências da morte* narra um acontecimento incomum: a morte desaparece. Perante tal situação, os indivíduos são forçados a conviverem com a imprevisibilidade desse fenômeno. Em um primeiro momento, a impressão das personagens é de grande fascínio diante da chance de vivenciar a imortalidade, de maneira que a harmonia na comunidade poderia ser estabelecida por conta da ausência da morte. Algumas situações desenvolvidas, entretanto, não estavam previstas no imaginário das personagens, como a permanência de algumas condições: a doença, a velhice, a penúria e o sofrimento. Logo, os indivíduos deveriam se habituar ao novo cenário eterno. A partir disso, a obra de José Saramago inicia o desenvolvimento da performance do mundo às avessas.

Esse mundo às avessas, representado na narrativa, tem como propósito causar a sensação de instabilidade, de maneira que motive reflexões no leitor sobre a abordagem do tema. Neste caso, a discussão central é sobre a figura da morte na sociedade, que a representa



como ameaça ao indivíduo. Este trabalho apresenta uma breve investigação a respeito dessa questão, com vistas à formulação de algumas considerações sobre os aspectos da interação entre o homem e a morte.

## 2. A face do homem diante da face da morte

O relacionamento do homem diante da própria finitude tem sido visto como complexo e dificultoso, principalmente na modernidade, que ocasionou o distanciamento da morte no cotidiano dos indivíduos. À exemplo disto, a hospitalização dos enfermos afastou a trajetória e a convivência dos familiares em experienciar os últimos momentos com o doente, conseqüentemente, o momento da morte tornou-se pontual aos familiares, estando presentes no momento do funeral.

De acordo com o historiador Ariès:

[...] pode-se dizer que uma parte do modelo contemporâneo da morte já estava esboçada nas burguesias do fim do século XIX, particularmente a crescente repugnância em admitir abertamente a morte - a de si mesmo e a do outro -, o isolamento moral imposto ao moribundo por essa mesma repugnância e a ausência de comunicação que daí resulta - enfim, a "medicalização" do sentimento da morte (ARIÈS, 2012, p.263)

Diante dessa consideração ressaltada por Ariès (2012), é possível refletir que o processo de aversão abordado pelo autor é visualizado no romance *As intermitências da morte*. Como exemplo, no seguinte excerto, há uma das passagens do romance na qual se exhibe o momento conflituoso das personagens que deveriam tomar decisões em relação aos enfermos, sendo sugerido:

[...] O governo aconselha e recomenda às direcções e administrações hospitalares que, após uma análise rigorosa, caso por caso, da situação clínica dos doentes que se encontrem naquela situação, e confirmando-se a irreversibilidade dos respectivos processos mórbidos, sejam eles entregues aos cuidados das famílias, assumindo os estabelecimentos hospitalares a responsabilidade de assegurar aos enfermos, sem reserva, todos os tratamentos e exames que os seus médicos de cabeceira ainda julguem necessários ou simplesmente aconselháveis. (SARAMAGO, 2005, p.28)

Nesse episódio é demonstrado o desinteresse do Estado e a tentativa de omitir a responsabilidade sobre os casos de superlotação nos hospitais e cuidados dos doentes. Com o

131



sumiço da morte, suspendeu-se um ambiente tenso nas personagens, as consequências geradas foram diversas e resultaram em um cenário de total descompromisso. Apesar disso, tal situação foi ocasionada por conta das estruturas que a narrativa saramaguiana constrói em torno das personagens cujas possibilidades de melhorias são esfaceladas. Dessa forma, o mundo às avessas de Saramago agrava as circunstâncias críticas da narrativa e a direção das personagens e as reflexões promovidas pela história atinge os leitores por meio da repreensão e criticidade contidas na obra.

Posto isso, essa repreensão de hábitos não é projetada de modo arbitrário, a narrativa aponta aos leitores alguns dos maus costumes que as personagens expressam e, por consequência, as atitudes são repreendidas pelo narrador por meio da zombaria e ridicularização. Sendo assim, as manifestações satíricas são apresentadas em *As intermitências da morte* para que seja ponderado o papel da morte na sociedade.

### 3. A desmoralização das instituições em *As intermitências da morte*

A hipótese de que o romance utiliza recursos satíricos provém do fato que o narrador ridiculariza os episódios ocorridos durante o romance. O objetivo principal da sátira é zombar do objeto que demonstra comportamentos censuráveis desse modo, todas as características que desvalorizam o objeto zombado são reveladas ao público para que sejam reprovadas por meio do riso ou da ridicularização.

De acordo com Hodgart:

O satírico está comprometido com os problemas do mundo e espera que seus leitores façam o mesmo. Ele assim o faz, embora ciente de que corre um risco duplo; o de ser impopular em seu próprio tempo e de ser esquecido pelas gerações futuras, para as quais os eventos cotidianos de seu tempo talvez não tenham mais do que interesse meramente acadêmico. O satírico desempenha seu papel mais nobre ao aceitar o desafio do esquecimento, adotando um tema efêmero e desagradável. (HODGART, 1969, p.30, tradução nossa)<sup>3</sup>

<sup>3</sup> No original: El satírico se compromete con los problemas del mundo y espera que sus lectores hagan lo mismo. El así lo hace, aunque este consciente de que corre un doble riesgo; el de ser impopular em su próprio tempo y el de ser olvidado por las generaciones futuras, para las cuales los acontecimientos cotidianos de su tempo tal vez no tengan más que un interés meramente erudito. El satírico desempeña su más noble papel cuando acepta el desafío del olvido adoptando un tema efêmero y desagradable.



Diante desta observação de Hodgart (1969) sobre o comprometimento da sátira com as mazelas do mundo, pode-se concluir que esse comprometimento é um dos fatores que tornam o gênero satírico impopular, pois, o fato de ressaltar os valores que são condenáveis por meio do recurso da zombaria produz um efeito de antipatia, de maneira que o narrador satírico impõe uma visão aos espectadores de distanciamento e inexistência das qualidades do objeto zombado.

No romance de José Saramago, os objetos-alvo e os comportamentos troçados são variáveis; por exemplo, a narrativa exhibe as instituições – O Estado e a Igreja Católica – no seu ponto mais crítico ao serem atingidos pela ausência da morte. Diante disso, as instituições confessam o desconcerto diante da situação e como isto afeta as relações de poder e influência que exercem:

Diga, Que irá fazer a igreja se nunca mais ninguém morrer, Nunca mais é demasiado tempo, mesmo tratando-se da morte, senhor primeiro-ministro, mesmo tratando-se da morte, senhor primeiro-ministro, Creio que não me respondeu eminência, Devolvo-lhe a pergunta, que vai fazer o estado se nunca mais ninguém morrer. O estado tentará sobreviver, ainda que eu muito duvide de que o venha a conseguir, mas a igreja, A igreja senhor primeiro-ministro, habituou-se de tal maneira às respostas eternas que não posso imaginá-la a dar outras, Ainda que a realidade as contradiga, Desde o princípio que nós não temos feito outra coisa do que contradizer a realidade, e aqui estamos. (SARAMAGO, 2005, p.20)

A breve confissão do bispo sobre a sua perspectiva em relação à Igreja Católica Apostólica Romana e sua trajetória, esclarece a posição da instituição religiosa a respeito da realidade, pois a maioria de suas respostas e afirmações aos fiéis eram baseadas na crença religiosa. Consequentemente, o efeito deste diálogo representa a impotência das instituições ao se depararem com um acontecimento fora do seu controle e, com isto, a narrativa consegue desacreditar toda a influência histórica e política que dominou a consciência social-religiosa.

Além da Igreja Católica, o Estado também é criticado pelo narrador satírico em relação às funções que exercia no governo, visto que a situação dos “vivos-mortos” tornou-se insustentável para os habitantes do país, o desespero contagiava a população, a ponto de



realizarem travessias ilegais para outros territórios na tentativa de concederem a morte ao familiar para atenuar o sofrimento. À frente dessa instabilidade política, o governo tentou censurar tais ações, entretanto, como a narrativa saramaguiana incita o desequilíbrio e retira todos os recursos de soluções, o governo deparou-se sem alternativas para que pudesse lidar com as superlotações de hospitais e de asilos da terceira idade. Nesse impasse, o governo sujeita-se a negociar com uma organização, denominada como *maphia*, que realizava as travessias ilegais por meio de monopólio do esquema cujas cobranças eram realizadas por altas taxas. No seguinte excerto verificam-se os efeitos de tal episódio:

Poder-se-ia pensar que, após tantas e tão vergonhosas cedências como haviam sido as do governo durante o sobe-e-desce das transações com a máfia, indo ao extremo de consentir que humildes e honestos funcionários públicos passassem a trabalhar a tempo inteiro para a organização criminosa, poder-se-ia pensar, dizíamos, que já não seriam possíveis maiores baixezas morais. (SARAMAGO, 2005, p.59)

De imediato, é possível identificar a censura do narrador ao reagir às condutas do governo, definindo-as como algo de moralidade baixa. De acordo com Gerth (1977), a sátira deseja reduzir qualquer comportamento considerado como desviante da norma, a sua forma indireta diminui o efeito da interpretação, de maneira que, “o satírico fala com a voz dissimulada” (GERTH, 1977, p.04), portanto, o narrador satírico oculta as intenções do escritor e assume o papel de mediador nas discussões entre escritor e público. Desta forma, as impressões de crença religiosa e política pertencentes ao escritor são amortecidas pela interferência do narrador satírico, dado que “desde sempre, a sátira visou anomalias sociais, falsos valores, contradições, abusos ou anacronismos; desde sempre, atacou tradições ou instituições políticas (GERTH, 1977, p.02)”.

Desse modo, uma reflexão extraída durante a leitura do romance é de que os dispositivos satíricos encontrados na narrativa saramaguiana geram descontentamento no leitor, visto que a maioria das trajetórias indicadas na narrativa revelam o rebaixamento da moralidade, a fraude e a hipocrisia das personagens ao se defrontarem com uma condição desequilibrada, compondo-se um cenário em que o narrador satírico prevê a ideia ilusória sobre a eternidade e exhibe os seus infortúnios na narrativa.



#### 4. A fantasia satírica revela a verdadeira face

Conforme a hipótese de Gerth (1977), a sátira necessita do aspecto fantasioso para manifestar a sua crítica e sua zombaria. O escritor José Saramago apresenta ao público o recurso alegórico da morte e elabora uma prosa com cenário fantasioso – com o estabelecimento da vida eterna para as personagens – todavia ao retratar os episódios instáveis que as personagens percorrem durante a suspensão da morte, a história beira o absurdo, logo, *As intermitências da morte* utiliza o recurso fantástico da sátira para possibilitar o desenvolvimento da obra.

Segundo Gerth:

Seja “mundo às avessas”, ou seja, “visão fantástica de um mundo transformado”, trata-se sempre de uma quebra do ataque direto através de recursos estéticos (no mais amplo sentido) como o cômico e a neutralização de situações reais. Assim, esclarece-se então inclusive o fenômeno paradoxal de que a sátira ataca o desagradável de um modo agradável ao leitor, para o que Aristóteles já havia chamado a atenção. Sem dúvida, a correspondente situação política também obriga amiúde o satírico a falar “indiretamente”. (GERTH, 1977, p.04)

A narrativa do romance ataca, portanto, as condutas repreensíveis, ao expor as situações conflituosas das personagens, de maneira que, ao se defrontarem com a eternidade, houve a presunção de que haveria melhoria nas relações, entretanto, esta ideia, em *As intermitências da morte*, não é representada como algo utópico, harmônico e belo. A eternidade sugerida pelo romance de Saramago se apresenta como algo distópico, ao permanecerem os estados intermináveis da doença, da velhice e da dor. Tais condições causam repulsa nas personagens, por serem obrigadas a conviver com os quase mortos, conquanto é com o surgimento do horror das personagens que o narrador satírico elabora as denúncias de comportamento.

Como exemplo disso, o narrador satírico sinaliza a irresponsabilidade dos familiares diante da figura idosa, ao apontar os problemas com “a tranquilidade das famílias que não têm tempo nem paciência para limpar os ranhos, atender aos esfínteres fatigados e levantar-se de noite para chegar a arrastadeira” (SARAMAGO, 2005, p.29). Logo, a fantasia criada pelas personagens sobre imortalidade como um fenômeno fascinante é desvendada pelo narrador



satírico, ao expor o lado disforme da eternidade, não se conseguindo impedir o avanço da decadência humana.

O episódio citado pode ser relacionado como uma das formas de expressão da sátira. Segundo Hodgart (1969) o satirista tem como propósito provocar a censura do objeto zombado e um dos recursos que utiliza é o “desnudamento”, de maneira que o satírico retira o que encoberta o seu objeto zombado, seja a distinção socioeconômica ou o pudor e revela as verdadeiras vontades dos indivíduos ao público, censurando-por meio da zombaria, do riso e da vergonha:

O satírico coloca uma máscara com a finalidade de desmascarar os outros. Ele despe suas vítimas de seus símbolos de estratos e roupas sociais para expor a corrompida nudez que há debaixo. O desmascaramento é uma versão da redução, mas vai muito além das outras. O satirista se recusa a permitir que os satirizados permaneçam com uma personalidade própria nem com qualquer segredo. Ele não se contenta com o desnudamento, mas vê a caveira debaixo da pele, a horrível e vergonhosa doença sob a carne. (HODGART, 1969, p.128, tradução nossa)<sup>4</sup>

À vista disso, compreende-se que a narrativa de *As intermitências da morte* exhibe condutas humanas repreensíveis, porém, nem todos os apontamentos sugeridos pelo narrador satírico são provocativos para resultarem na risada cômica, Algumas aparições de zombaria podem provocar uma espécie de inquietação, um riso tenso que reflete como forma expressiva diante dos absurdos relatados na leitura.

## 5. A realidade enxergada pela ótica da fantasia

O escritor José Saramago opta pela alternativa que escapa da veracidade do mundo, como havia sido referido neste ensaio, ao focalizar o desaparecimento da morte, mas revela as deformidades dos costumes sociais, logo, a imortalidade surge como efeito desestabilizador nas ações das personagens para que o absurdo seja introduzido. Para que fosse possível o

---

<sup>4</sup> No original: El satírico se pone una máscara con la finalidad de desenmascarar los demás. Despoja a sus víctimas de sus símbolos de categoría social y de sus vestiduras para poner al descubierto la corrompida desnudez que hay debajo. El desenmascaramiento es una versión de la reducción, pero va mucho más lejos que las demás. El satírico se niega a consentir que los satirizados se queden con una personalidad propia ni con ningún secreto. No se contenta con el desnudamiento, sino que ve el cráneo debajo de la piel, la horrible y vergonzoza enfermedad debajo de la carne.





desenvolvimento desses episódios, a utilização da fantasia foi fundamental para as denúncias na narrativa assumirem um grau de distanciamento das verdades reveladas ao público. Essa fantasia organizada pela sátira, segundo Soethe (1988) possibilita novas interpretações sobre a realidade que é compartilhada:

Há ainda nos textos a descrição de máquinas e instrumentos óticos fantásticos utilizados pelas personagens e que lhes permitem olhares novos sobre o mundo: o espelho da verdade (que reflete a verdade sobre cada pessoa que tenha estado diante dele, no momento em que esta lhe volta as costas) e os óculos mágicos (com os quais torna-se possível ver não apenas o espaço mas também o tempo, desde que se esteja em um local alto) - entre outros (SOETHE, 1988, p.13)

É por meio da fantasia que a narrativa consegue explorar os acontecimentos, de maneira que o narrador satírico se encontra num espaço de observador pleno para realizar comentários que censuram os hábitos. No entanto, é possível questionar os motivos que conduziram à inserção dos recursos satíricos em *As intermitências da morte*.

A hipótese provável é que o reconhecimento do uso dos mecanismos satíricos pode colaborar no processo de leitura, pois, a temática sobre a morte é complexa, dada a dificuldade para os indivíduos lidarem com a própria finitude, sendo um exercício árduo e inquietante, pois "Toda época anseia por um mundo mais belo. Quanto mais profundos o desespero e a consternação diante de um presente incerto, tanto maior será esse desejo" (HUIZINGA, 2015, p. 47). A partir deste comentário de Huizinga (2015) é possível considerar que a incessante busca de perfeição e harmonia são retratadas no percurso da História do homem, entretanto, tal busca é frustrada ao ser interrompida pela morte.

Diante dessa consideração, o romance *As intermitências da morte*, por meio da Literatura apresenta a faceta da morte como humanizadora. Tal proposta é reconhecida quando a narrativa expõe o alto grau de instabilidade gerado com o desaparecimento da morte, posto isto, os leitores enxergam que a finitude é um processo necessário para o reconhecimento do próprio indivíduo.

Segundo Ariès (2012), o distanciamento ocasionado entre homem e a morte teve como consequência esse estado afetado sobre a figura da morte, beirando o limite de o indivíduo silenciar esse processo. Se o indivíduo nega a reflexão e a expressão sobre o fim da sua forma,

137



um questionamento é provocado. Qual seria a possibilidade de comentar sobre a morte sem causar a inibição no homem?

Seria impossível expressar-se de forma mais correta. Assim se morreu durante séculos ou milênios. Em um mundo sujeito à mudança, a atitude tradicional diante da morte aparece como uma massa de inércia e continuidade. A antiga atitude segundo a qual a morte é ao mesmo tempo familiar e próxima, por um lado, e atenuada e indiferente, por outro, opõe-se acentuadamente à nossa, segundo à qual a morte amedronta a ponto de não mais ousarmos dizer seu nome. Por isso chamarei aqui esta morte familiar de *morte domada*. (ARIËS, 2012, p.40)

Dessa maneira, a possível solução para que o homem possa compreender a discussão sobre a morte seria pela fantasia ou pelo mundo às avessas, de modo que, ao criar novas formas e perspectivas há uma reinterpretação que revela as vivências do mundo real. Portanto, por meio da sátira cuja visão fantasiosa, perversa e zombeteira se comporta como uma lente, é possível focalizar os defeitos e os hábitos censuráveis do indivíduo e da sociedade, permitindo que o leitor observe com clareza tal imoralidade:

Conforme Soethe:

Para tornar-se capaz de enfrentar o real ameaçador, o satirista procede à sua redução: limita-o ou define-o, por exemplo por intermédio da sinédoque ou da metáfora. É inerente à tarefa do satirista indicar que seu objeto de ataque é representante da realidade ameaçadora, mais ampla. O objeto da sátira, portanto, exige sua recodificação em direção à realidade suposta. (SOETHE, 1988, p.17)

## 6. O valor da morte

No desenvolvimento da narrativa há um grande conflito nas situações sociais, políticas e econômicas. Sem a morte, alguns setores entraram em colapso, como exemplo, as seguradoras e funerárias que entraram em uma crise financeira pela falta de mortos. Tais setores exigiram providências por parte do Estado para que diminuíssem os danos. A partir deste momento, o narrador satírico relata as sugestões e as indicações apresentadas:

As agências funerárias transitaram da euforia ao desespero, outra vez a ruína, outra vez a humilhação de enterrar canários e gatos, cães e a restante da bicharada, a tartaruga, a catatua, o esquilo, o lagarto não, porque não existia outro que se não deixasse levar ao ombro do dono. (SARAMAGO, 2005, p.70)



Como forma de reparação do colapso financeiro enfrentado pelas agências funerárias foi aconselhado, como alternativa de manutenção do comércio, o enterro de animais domésticos. É perceptível a entonação ridicularizadora que adota o narrador satírico em face deste infortúnio, conseqüentemente, a interpretação deste episódio pela perspectiva satírica projeta uma agressividade corrosiva, reduzindo o objeto zombado.

De acordo com Fantinati (2011), a sátira aborda temas-tabus que são desconsiderados por outros gêneros literários. Desse modo, o satirista exerce o trabalho de fazer emergir os assuntos que são censurados por meio da ironia e da agressividade. Por esse motivo, a intenção do satirista sobre o objeto é ofender aquilo que desaprova. Isto é visualizado no cenário de *As intermitências da morte* cujo narrador satírico reduz a relevância das funerárias ao ressaltar a humilhação e a vergonha das empresas que precisaram enterrar animais para continuar no mercado de trabalho:

No plano de intencionalidade, a sátira se caracteriza por uma postura militante e agressiva que se origina em fenômenos extratextuais e que remete a eles. Seu objetivo é o de criticar, desnudar e mesmo destruir objetos reais e contemporâneos, considerados representantes da realidade ameaçadora referida, a qual é responsável pelos comportamentos equivocados e errados, pelas convenções petrificadas e pelos padrões estereotipados. Sua imagem do mundo é de um universo indigno e sem valor, cuja essência é fixada pela contraposição dessa contraimagem a um ideal positivo ou imagem ideal, existente no espírito do satirista. (FANTINATI, 2011, p.73)

Tal constatação de Fantinati (2011) revela a postura corretora do satirista que retira os disfarces das verdadeiras ações das personagens; conseqüentemente, o satirista revela as vergonhas e imperfeições do zombado aos leitores. No romance, ao expor a situação vexatória que as instituições passam para se manterem ativas no comércio, o narrador satírico denuncia a ausência de posição do Estado sobre a criticidade da circunstância e, enquanto isso, revela a posição das instituições que colocam como prioridade o valor financeiro pela falta de mortos. À vista disso, é possível considerar que a relevância monetária é mais expressiva do que o pensamento coletivo diante de uma crise humanitária que ocorre na narrativa, sendo assim, para o Estado e as funerárias a discussão central era sobre o rendimento e a precificação da morte.



De acordo com o historiador Ariès (2012), o processo de distanciamento entre o indivíduo e a morte foi intensificado no modelo da civilização industrial, na qual houve mudanças ritualísticas ao velar o morto. Para o autor, a progressão da ciência promoveu procedimentos rebuscados para cuidar dos mortos e os detentores desses conhecimentos eram as agências funerárias, logo, durante o curso da História houve a transferência da responsabilidade familiar do velamento para as agências funerárias e, conseqüentemente, o processo de luto sofre mudanças pelo fato das famílias não se envolverem profundamente com a finitude, sendo assim, as empresas funerárias desencadearam novos processos ritualísticos para que os familiares pudessem lidar com a perda e ainda lucrarem com a morte:

Sugere-nos seja uma exploração comercial e uma pressão de interesses, seja uma perversão do culto da felicidade. Mascara-nos o verdadeiro sentido, que é a recusa de um esvaziamento radical da morte e a repugnância por uma destruição física sem ritos e sem solenidade. (ARIÈS, 2012, p.245)

Em suma, com os apontamentos dos autores Ariès (2012) e Fantinati (2011) há a possibilidade de relacionar tal passagem do livro como um dever de senso crítico do satirista em observar tais enganos que afetam o processo de finitude e luto do homem, ou seja, sob a visão satírica do romance, as funerárias apresentam uma postura indiferente diante do sofrimento dos familiares em relação aos vivos-mortos. As empresas estão mais apreensivas sobre os negócios e o prejuízo do rendimento lucrativo, desse modo, a reflexão proposta nesta passagem caracteriza a relação da morte com o lucro e as conseqüências negativas que proporcionaram no processo de luto.

Além deste episódio, a inserção da *maphia* no núcleo narrativo retrata sobre o abuso de poder durante a ausência da morte. Pelo motivo das pessoas se manterem imortais, a doença e a velhice se eternizaram juntamente com os outros, no entanto, com o excesso de indivíduos padecendo, houve a descoberta de uma maneira de burlar a eternidade, na qual era preciso realizar travessias entre as fronteiras do país para que os vivos-mortos pudessem finalmente morrer no território de outro país. Entretanto, tal acontecimento gerou instabilidade política e



moral por causa do uso das fronteiras em territórios estrangeiros e por praticarem a eutanásia com os indivíduos.

Com o surgimento da organização *maphia* há uma reviravolta na história, pois a organização adquire a monopolização das passagens e travessias, oferecendo os serviços de deslocamentos dos vivos-mortos. O Estado tenta interceder junto às ações da organização, conquanto, o governo apresenta uma postura conivente, “uma vez que não era objectivo do governo travar totalmente este surto migratório” (SARAMAGO, 2005, p.49) e, conseqüentemente, aceita o funcionamento da *maphia*, tendo consciência das práticas abusivas que realizavam contra a população.

[...] o que interessa neste caso é o fato de que todos acabaremos ganhando, nós, que nos tiramos um peso de cima, os vigilantes, que não voltarão a ser lesados na sua integridade física, as famílias, que descansarão sabendo que os seus mortos-vivos se converteram finalmente em vivos-mortos, e a *máphia*, que cobrará pelo trabalho, Um arranjo perfeito, senhor ministro. (SARAMAGO, 2005, p.53)

Diante destes cenários que representam as movimentações dos indivíduos em relação à comercialização da morte, são observados alguns comportamentos censuráveis pelo narrador satírico. Ao evidenciar as tentativas de lucrar com a ausência da morte são reconhecidas as motivações narcísicas das personagens que visam a ambição ao invés do compadecimento com a perda e a solenidade dos familiares que se encontram numa situação delicada, a *maphia* e as agências funerárias se concentravam no aproveitamento de monetizar a morte.

De acordo com Jolles:

A sátira é uma zombaria dirigida ao objeto que se repreende ou se reprova e que nos é estranho. Recusamo-nos a ter algo em comum com o objeto dessa reprovação; opomo-nos a ele rudemente e, por conseguinte, desfazemo-lo sem simpatia nem compaixão (JOLLES, 1976, p.211)

A sátira afasta as possíveis semelhanças entre ela e o objeto de zombaria. Tal procedimento tem como objetivo evitar a identificação com a figura do objeto zombado, de maneira que, o reconhecimento e a simpatia são desfeitos pela sensação de enfurecimento e discordância que a motivam a reprovar os fatos. Portanto, no romance de José Saramago, a



deformidade do caráter das personagens – a hipocrisia e a ganância – sinaliza a ausência de sensibilidade destes indivíduos, dificultando o processo de aceitação da preservação e o respeito da finitude.

## 7. As manifestações satíricas de José Saramago

Neste trabalho, as considerações realizadas indicam os vestígios da sátira no romance de José Saramago. Durante a análise da narrativa *As intermitências da morte* são identificados os cenários que expõem a redução das personagens quando defrontam o mundo às avessas. Ao propor como conflito principal que a imortalidade se transforma em um problema para as personagens, José Saramago instiga os leitores a observarem os comportamentos deturpados do homem e da humanidade que negam a morte no processo de existência.

A grande motivação de utilizar o mundo às avessas no processo de construção da narrativa é pelo motivo de que esse recurso salienta os absurdos que ocorrem na realidade. Sendo assim, a sátira não tem como objetivo representar a fidelidade do mundo que descreve. Ao contrário, o seu cenário é fantástico para que possibilite circunstâncias que fogem ao controle da lógica. A jornada de *As intermitências da morte* convoca esta proposta ao leitor, no momento em que anuncia que ninguém havia morrido no dia. Assim, a leitura se torna apreensiva e curiosa para saber as resultantes desta nova situação. Conquanto, como é reconhecido sobre as intenções da sátira, o objetivo do satirista é zombar das ações que são consideradas como condenáveis, portanto, os momentos de angústia e de vergonha são os rebaixamentos que o narrador satírico realiza.

A narrativa saramaguiana é reconhecida por utilizar alguns recursos e efeitos do fantástico para que possa elaborar a proposta reflexiva referente às temáticas abordadas. Tais efeitos fantásticos são colocados como alegorias na narrativa, o que permite desenvolvimento livre sobre os assuntos discutidos. Um exemplo entre as obras saramaguianas, *O ensaio sobre a cegueira* possui a alegoria da cegueira branca que causa a perda de visão em uma população inteira – exceto de uma personagem – essa cegueira branca criada pelo autor serve como um disparador para revelar as pulsões mais íntimas das personagens testemunhadas pela mulher

142



do médico, causando espanto e inquietação no leitor que se depara com um cenário distópico. *As intermitências da morte*, também é consolidada por uma alegoria – a morte – antropomorfizada e parte do mesmo pressuposto de inverter a lógica do mundo real para incitar a comoção dos leitores por meio da angústia.

Segundo Berrini (1998), o narrador saramaguiano assume a posição de observador e atribui a palavra a um ou outro personagem, de maneira que a seleção de olhar das personagens induz a direção das conclusões dos leitores. De acordo com a autora, José Saramago utiliza esses recursos moralizadores nas suas clausuras. Para ela, o momento conclusivo da narrativa é utilizado para moralizar os leitores, expondo ideias e crenças

[...] A clausura pode assumir uma feição moralista, ou constituir-se em um pseudodiálogo entre narrador/leitor, ou ser uma espécie de prestação de contas ao leitor sobretudo quanto aconteceu com as personagens sobreviventes aos factos relatados. Mas poderá também apresentar outras feições, pode frustrar o leitor sonhando-lhes as informações que ele deseja ler; silenciará parcial ou totalmente o que interessaria saber; orientando o leitor para outra possível história. (BERRINI, 1998, p.210)

Portanto, é possível visualizar tal recurso moralizador em *As intermitências da morte*, ao conceder a voz somente para o narrador satírico e é perceptível que neste romance há uma certa leveza nos fatos narrados, não havendo descrição de cenários violentos. Tal aspecto pode ser considerado como tentativa de criar uma ambientação mais descontraída por meio do rebaixamento satírico, no qual utiliza-se o recurso da zombaria como forma de promover a descontração por meio do riso. Ao descrever as situações ridicularizadoras em seu romance, José Saramago parte de uma ideia segundo a qual as lições morais não apresentam a necessidade de serem duras e conturbadas, sendo possível que essas sejam articuladas por meio do escárnio e da ironia em seu texto. Além de Berrini (1998) que comenta a respeito da narrativa de Saramago, Calbucci (1999) disserta sobre alguns aspectos da composição e construção do narrador saramaguiano,

Para Calbucci (1999), a exploração do lado fantasioso e imaginativo da narrativa de José Saramago auxilia na criação, reinterpretação e discussão da estrutura da realidade, de modo que, "*realismo artístico* que não fosse um espelho fiel do mundo, mas sim uma visão estética do



artista sobre a realidade, isto é, entre o exagero documental e os excessos fantasiosos” (CALBUCCI, 1999, p.22). Posto isso, é possível observar que tal remodelação da narrativa com elementos fantásticos contribui com a produção satírica, pois, como havia sido mencionado no trabalho, a sátira necessita que a sua expressão seja transmitida por algo que esteja além da realidade. Enquanto o comentário de Soethe (1988) reforça a questão sobre o uso de alegorias e da fantasia como formas que colaboram para a manifestação da sátira:

Outros recursos linguísticos como a comparação, a metáfora e a alegoria também podem integrar-se ao discurso satírico. No entanto, como não são necessariamente próprios a ele, passam a constituí-lo apenas quando adequados a um princípio de desfiguração do real. (SOETHE, 1988, p.21)

À manifestação satírica é necessária uma distância das semelhanças entre o narrador e o objeto zombado para que, desse modo, o leitor consiga reconhecer os rebaixamentos que o satirista expõe. Sendo assim, a natureza do satirista necessita exercer o ataque para que sejam delimitadas as censuras da moralidade que defende.

Diante desses apontamentos, constata-se a revelação dos traços e das escolhas da narrativa *As intermitências da morte* que se assemelham às funções que os satiristas utilizam para produzir a sátira, de maneira que, no romance de José Saramago, é possível visualizar os rebaixamentos das personagens e a exposição do ridículo, que são colocados como reflexão sobre a moralidade do homem diante da aceitação da figura da morte em sua existência.

## 8. Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo analisar e identificar na narrativa *As intermitências da morte* manifestações da sátira. Tal hipótese considera que, para abordar a temática sobre a representação da morte na sociedade, seria necessário o recurso satírico para realizar os apontamentos sobre condutas condenáveis na visão do narrador satírico. Ao propor uma representação satírica da ausência da morte na sociedade, o romance de Saramago aqui analisado reflete sobre as motivações geradoras de aflição, como a sensação de repulsa e afastamento da morte. Ao compreender que tal fenômeno não aparenta ser algo natural, o





enredo de *As intermitências da morte* inverte a lógica: a beleza e a harmonia que sobressaíam na idealização das personagens em relação à imortalidade são corrompidas ao se depararem com a instabilidade e angústia próprias da condição humana.

Dessa forma, por meio da inversão lógica estabelecida nas situações narradas, o narrador satírico destrói as expectativas das personagens e, a partir disso, os relatos sobre a convivência eterna com a doença, a angústia e a velhice interminável concedem uma abertura ao narrador satírico para expor o comportamento humano repreensível: a busca da felicidade e a vaidade plena. Ao apresentar o mundo ao leitor, o que se pode constatar é que a ideia da eternidade é inalcançável, pois mesmo conquistando-a, o indivíduo continua no estado de angústia. Conquanto a angústia do indivíduo seja o fator que o motiva a mudar, a quebra de expectativa que José Saramago introduz na narrativa demonstra que os desdobramentos da história não serão agradáveis aos personagens e, para aliviar a leitura do romance, o uso do rebaixamento e do ridículo facilita a tonalidade do diálogo, por consequência, a história torna-se suportável através do riso.

Conforme Ariès:

a partir do século XIX, as imagens da morte são cada vez mais raras, desaparecendo completamente no decorrer do século XX; o silêncio que, a partir de então, se entende sobre a morte significa que esta rompeu seus grilhões e se tornou uma força selvagem e incompreensível. (ARIÈS, 2012, p.152)

Ao acompanhar o raciocínio de Ariès (2012), compreende-se o medo da morte como um grande descontrole que ameaça a existência de qualquer ser humano, entretanto, o romance *As intermitências da morte* desmistifica o olhar perverso sobre a morte. O narrador satírico coloca o espelho diante da face da humanidade e apresenta o verdadeiro reflexo da fealdade que o homem representa ao adotar uma postura narcísica. Logo, o narrador satírico, ao tentar compreender a morte, aceita-a como processo humanizador e transformador, encorajando os indivíduos a reconhecerem o valor da sensibilidade do luto.

Em suma, é função dos recursos satíricos revelar as feiuras escondidas nos homens e que causam revolta em seu espírito e apontar a necessidade de correção é indispensável, pois



como observa Hodgart “A finalidade do satírico consiste frequentemente em esvaziar os heróis, os impostores e os charlatões, que pretendem um respeito que não é devido-lhes.” (HODGART, 1969, p.28, tradução nossa)<sup>5</sup>. O propósito do narrador satírico de José Saramago é, portanto, apresentar a relevância do papel desempenhado pela morte, reconhecê-lo como revelador de nossa humanidade e denunciar o ridículo implícito na estigmatização contemporânea da morte estigmatizada.

## 9. Referências

- ARIÈS, Philippe. *História da morte no ocidente: Da idade média aos nossos dias*. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Ed especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2012.
- BERRINI, Beatriz. *Ler Saramago: O Romance*. 2ed. Lisboa: Caminho. 1998.
- CALBUCCI, Eduardo. *Saramago: um roteiro para os romances*. Cotia: Ateliê. 1999.
- FANTINATI, Carlos Erivany. *O professor e o escrivão: estudos sobre literatura brasileira e leitura*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: Núcleo Editorial Proleitura, 2011.
- GERTH, Klaus. *Satire*. Trad de Aluizia Hanisch e Álvaro S. Simões Jr Praxis Deutsch. v. 22. p. 83-86, 1977.
- HODGART, Matthew. *La Satira [Satire]*. Trad. Angel Guillén. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1969.
- HUIZINGA, Johan. *O outono da idade média*. Trad. Francis Petra Janssen. 4ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- JOLLES, André. *Formas simples: legenda, saga, mito, ditado, caso, memorável, conto, chiste*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- SARAMAGO, José. *As intermitências da morte*. 4ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SOETHE, Paulo Astor. *Sobre a sátira: contribuições da teoria alemã na década de 60*. Fragmentos. Revista de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, v. 7, 1988.

---

<sup>5</sup> No original: La finalidad del satírico consiste frecuentemente en desinflar a los héroes, los impostores y los charlatanes, que pretenden un respecto que no les es debido.

